

LÍNGUA PORTUGUESA

1) Leia o texto abaixo e faça o que se pede:



(Disponível em: <http://goo.gl/xmBilr>. Acesso em: 04/10/19)

Quanto à passagem da adolescência para a idade adulta, a tirinha sugere que se trata de um processo:

- A) Em que é preciso cantar músicas de histórias infantis, como Chapeuzinho Vermelho, porque após a fase adulta a estrada é solitária e tenebrosa.
- B) Em que é preciso não esquecer do passado, a infância, porque após a fase adulta a estrada é tenebrosa e calculável.
- C) Em que é preciso para de escutar histórias infantis e cantar mais mantras universais, porque após a fase adulta a estrada é complexa e solitária.
- D) Em que é preciso estar preparado para todos os acontecimentos, porque após a fase adulta a estrada é longa e incalculável.**

2) Leia o texto abaixo e faça o que se pede.

O Homem; As Viagens
Carlos Drummond de Andrade

O homem, bicho da terra tão pequeno
Chateia-se na terra
Lugar de muita miséria e pouca diversão,
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
Toca para a lua
Desce cauteloso na lua
Pisa na lua
Planta bandeirola na lua
Experimenta a lua
Coloniza a lua
Civiliza a lua
Humaniza a lua.

Lua humanizada: tão igual à terra.
O homem chateia-se na lua.
Vamos para marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em marte
Pisa em marte
Experimenta
Coloniza
Civiliza
Humaniza marte com engenho e arte.

[...]

A repetição do item lexical *lua* traz, para o poema, o sentido de que:

- A) O homem explorou luas diferentes, cada uma em um momento do poema, de forma que pudesse vivenciar experiências distintas.
- B) Carlos Drummond de Andrade não conhecia outros recursos linguísticos para substituir o léxico *lua*, sendo essa uma repetição acidental.
- C) O homem ocupou a lua de forma completa, demarcando seu território e colonizando-a assim como fez com a Terra.**
- D) A lua, assim como o planeta Terra, possui recursos diversos que devem ser explorados pelo homem durante suas viagens.

3) Leia a tira:



(Larte. Classificados. São Paulo: 2002)

O humor da tira é construído em torno do duplo sentido que uma palavra adquire no contexto. Que palavra é essa?

- A) Piano
- B) Finura
- C) Afinador**
- D) Grosso

4) Leia o texto abaixo para responder à questão:

Affonso & Mazzei



(Adaptado de <http://analisedecharges.blogspot.com.br/2010/03/charge-sobre-o-acordo-ortografico.html>)

De acordo com o texto, podemos dizer que a charge:

- A) faz um elogio à implementação da nova ortografia da Língua Portuguesa.
 B) ironiza a falta de hábito de leitura do povo brasileiro de modo geral.
 C) faz uma crítica contra uma decisão política que não resolverá problemas educacionais para a maioria do povo brasileiro.
 D) traz o personagem de óculos feliz e muito otimista com a notícia sobre o acordo ortográfico, e isso se evidencia em todas as suas falas.

Leia o texto abaixo e responda às questões 5 e 6:



(adaptado de <http://analisedecharges.blogspot.com.br/2016/11/charge-sobre-investimentos-na-educacao.html>)

- 5) Em relação à leitura da charge, podemos inferir que:
- A) os alunos que participam das aulas aprendem mais.
 B) professores desmotivados ensinam menos.
 C) os erros ortográficos recrudescem com mais investimentos na área da educação.
 D) os investimentos na área de educação corroboram para o aprendizado dos alunos.
- 6) Leia as afirmações acerca dessa charge sobre educação:
- I. A charge sugere que o aluno em destaque escrevendo no quadro está fazendo uma reclamação para a professora.
 II. A charge faz uma crítica à falta de investimentos necessários para uma educação de qualidade.
 III. A charge faz uma crítica à ausência de professores na sala de aula, deixando o aluno escrevendo sozinho no quadro.

Marque a alternativa que possui afirmações corretas em relação à charge:

- A) I
 B) I e II
 C) II
 D) II e III

- 7) Leia a crônica abaixo e faça o que se pede.

Familiaridade
Clarice Lispector

Ando numa fase um pouco perigosa. É que estou estabelecendo contato com as pessoas com tanta facilidade que alguma ainda me acontece. Nesta fase, todo o mundo ou é meu irmão, ou meu filho, ou meu pai e minha mãe. No último domingo estive *em perigo*. Eu tentava pegar um táxi, o que nos domingos é mais difícil pois muita gente que nunca anda de táxi resolve sair do sério e tomar. Não encontrei nenhum no lugar onde geralmente acho com facilidade, e resolvi caminhar até um ponto deles: estava vazio, a rua limpa. Fiquei ali mesmo esperando que algum aparecesse. Depois de muito tempo quem apareceu foi um grupo de pré-adolescentes, de uns 14 anos cada, não mais. As duas mocinhas de saia pelo meio das coxas, um dos meninos de cabelos crescidos até metade do pescoço. Junto de mim pararam, e a conversa deles era insolente e falsamente livre. Pensei: estão esperando táxi, quem vai ganhar são eles, pois sempre me recuso a correr, acho feio correr. Pensamento vai, pensamento vem, resolvi perguntar: “Vocês estão esperando táxi?” Resposta em tom malcriado de um deles: “Estamos”. Eu disse: “Mas o primeiro que vier vai ser meu, pois estou aqui há mais tempo que vocês.” O menino cabeludo respondeu com o pior tom de voz: “E por que é que eu...” Interrompi-o: “Por causa do que eu já disse, e porque eu podia ser mãe de vocês e não pretendo disputar táxi com um filho meu.” Eles ficaram por meio segundo me olhando perplexos, e então o menino respondeu com a voz inteiramente obediente e de súbito como uma criança mesmo: “Sim senhora.”

O perigo passara.

(LISPECTOR, Clarice. Familiaridade. Disponível em: <http://rapaduracult.blogspot.com/2016/12/familiaridade.html>. Acesso em: 12 ago. 2019)

Sabemos que as crônicas são gêneros que narram fatos do cotidiano e podem gerar humor ou fazer críticas à sociedade. A crônica Familiaridade, de Clarice Lispector:

- A) Representa uma crítica aos adolescentes que, atualmente, não respeitam mais os adultos.
 B) Representa um fato do cotidiano, como uma corrida de táxi, por meio do olhar da pessoal da autora.
 C) Representa uma crítica ao dia a dia das pessoas que estão cada vez mais corridos.
 D) Representa um fato do cotidiano, como uma conversa com adolescentes, por meio da crítica.

- 8) Imagine dois moradores de uma cidade conversando. De repente, um diz para o outro:

“_O Manoel Cunha é um bom prefeito. Apenas um ano na prefeitura, já asfaltou dez ruas da cidade.”

A fala desse morador ressalta a competência do prefeito, mas implicitamente veicula outras informações. Qual dos itens seguintes se refere corretamente a essas outras informações?

- A) O morador revela preconceito em relação aos prefeitos que não se interessam por pavimentação de ruas.
- B) Dez ruas asfaltadas não é um número grande a ponto de causar espanto. Logo, supõe-se que a cidade seja pequena e possua poucas ruas.
- C) A frase leva a crer que outro prefeito que asfaltasse dez ruas em um ano não seria considerado competente.
- D) A fala do morador deixa implícita a informação de que as obras de pavimentação são a prioridade no governo do referido prefeito.

Leia o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, e responda às questões 9 e 10

Felicidade Clandestina
Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saude”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As renações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser. Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

(Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 04/10/19)

9) Em “Felicidade Clandestina”, conto de Clarice Lispector, a personagem principal demonstra um grande amor pelos livros ao narrar as emoções que sentiu até poder ler “As reinações de Narizinho”. No entanto, até conseguir ler esse livro, ela passa por um conflito, que pode ser caracterizado pela seguinte passagem:

A) “Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

B) “Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia”.

C) “Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo”.

D) “Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada”.

10) No conto Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector, a protagonista termina a narrativa com a seguinte frase: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”. Com base nessa frase, assinale a alternativa correta:

A) A autora expressa que a menina cresceu e não se interessou mais pelo livro porque tem um amante, com quem pode sentir uma felicidade clandestina assim como sentiu, um dia, com o livro “As reinações de Narizinho”.

B) Clarice Lispector expressa que a menina já não se interessa mais pelo livro, e que a felicidade clandestina se realizou no momento em que o conseguiu.

C) Clarice Lispector expressa a relação entre a infância e a vida adulta da protagonista, já que ela deixou de amar os livros para amar seu amante, com quem sente sensações de perigo, mas que lhe proporcionam uma felicidade clandestina.

D) A autora expressa o prazer com o livro com uma comparação, já que uma mulher, ao ter um amante, vive situações de perigo, mas que lhe proporcionam felicidade, assim como aconteceu com a protagonista em relação ao livro.